

SÃO PAULO
IV
URB
favelas

Seminário Internacional de Urbanização de Favelas

Soluções Ecológicas como Instrumento de Luta por Saneamento e Justiça Climática no Conjunto de Favelas da Maré

*Soluciones Ecológicas como Instrumento en la Lucha por el Saneamiento y la Justicia Climática
en el Grupo Maré Favelas*

Quebrada, Risco e Meio ambiente

CABRAL, Inahra

Arquiteta e Urbanista; Germinal a.t.e

inahra.cabral.dc@gmail.com

AMORIM, Karine

Estudante de graduação; FAU UFRJ

karine.lima@fau.ufrj.br





Racismo Ambiental e a Ocupação da Maré

Na definição original, racismo ambiental¹ refere-se a qualquer política que afete ou gere desvantagens de maneira diferenciada, independente da intencionalidade, a grupos ou comunidades racializadas. Apesar de ser um termo cunhado nos Estados Unidos na década de 1980, essas desigualdades espaciais e ambientais são nítidas nos processos de surgimento ou crescimento de muitas cidades brasileiras. Neste texto, focaremos na história de crescimento da cidade do Rio de Janeiro e a ocupação da Maré, um dos maiores conjuntos de favelas da América Latina, que escancara as desigualdades sanitárias entre diferentes grupos sociorraciais.

As reformas urbanas e políticas de remoções que aconteceram no Rio de Janeiro, em diferentes governos, se embasaram em discursos sanitaristas para justificar a expulsão da população negra e pobre do Centro e de outras regiões ditas privilegiadas da cidade. Podemos citar como dois grandes exemplos a Reforma Pereira Passos, instaurada no início do século XX, e a Política de Remoções de Favelas de Carlos Lacerda, realizada na década de 1960.

A Reforma Pereira Passos pautou o saneamento, a abertura de ruas e o embelezamento do Centro, ficou conhecida como bota abaixo, por acabar com os cortiços² da região central. Já a Política de Remoções do governo de Carlos Lacerda removeu as favelas das áreas nobres da cidade como Leblon, Lagoa (figura 1) e Maracanã, bairros que continham as três maiores favelas da época. Foi a partir de políticas urbanísticas que os mais pobres foram removidos para dar lugar aos ricos e o discurso higienista, sempre presente, aliado à lógica de expansão industrial para o

¹ Termo cunhado pelo professor e líder afro-americano de direitos civis Benjamin Franklin Chavis Jr, em meio a protestos contra depósitos de resíduos tóxicos no Condado de Warren, Carolina do Norte, onde a maioria da população era negra.

² Eram nos cortiços que moravam a classe trabalhadora e os recém libertos.



subúrbio e a construção da Avenida Brasil³, fez com que a região da Maré, antiga Freguesia de Inhaúma, começasse a ser densamente ocupada a partir da década de 1940.

Nesse contexto, é válido afirmar que a Maré surge como consequência do racismo ambiental. Corpos negros e pobres eram vistos, pelos governantes, como precursores de doenças e não civilizados e foram expulsos das áreas com mais infraestrutura urbana e maior qualidade urbano-ambiental e obrigados a ocupar regiões mais distantes do Centro em condições ainda mais precárias.



Figura 1: Despejo da Favela da Praia do Pinto, localizada na Lagoa. Fonte: Jornal Última Hora, 1969.

Luta por Saneamento na Maré

Como o próprio nome já indica, a região da Maré era tomada por maré e mangue e as populações expulsas de outras regiões da cidade tiveram que enfrentar todas as dificuldades que foram (e são) viver sem as condições mínimas de salubridade, rodeadas por água, ainda que sem acesso à água potável dentro de casa para higiene básica, beber e fazer comida.. Nesse contexto, a

³ Antiga Variante Rio-Petrópolis e a principal via expressa da cidade. Muitos dos primeiros moradores da Maré eram também trabalhadores na construção da Av. Brasil e, posteriormente, das fábricas que estavam localizadas às suas margens.



tipologia de habitação amplamente usada na época foi a palafita (figura 2). Os moradores e moradoras tinham que ir até torneiras públicas, conhecidas popularmente como bicões, com baldes e rola-rolas buscar água para abastecerem seus barracos e palafitas. O rola-rola, barril com aros de bicicleta em suas extremidades e vergalhão como alça, foi uma tecnologia social amplamente usada na Maré das palafitas pois facilitava o transporte de água. Assim, no início da década de 1980 surge na Maré a Chapa Rosa, a primeira eleita para Associação de Moradores liderada por mulheres mareenses que pautavam melhores condições sanitárias e a canalização da água potável. É importante ressaltar que foi a partir das pressões da Chapa Rosa que as primeiras medidas públicas foram tomadas através do Projeto Rio e do Proface, cujas obras foram concluídas com bastante atraso, pressão dos moradores e algumas soluções construídas foram ineficientes. A luta por direitos básicos na Maré, como ao saneamento, é histórica e, com o crescimento contínuo da população mareense, as infraestruturas de saneamento mal construídas na década de 1980 não dão conta da Maré densa dos dias atuais (cerca de 140 mil habitantes – Censo Maré 2019).

O saneamento básico se refere a quatro serviços fundamentais para a garantia do bem viver: 1) abastecimento de água potável; 2) coleta e tratamento de esgoto; 3) coleta e tratamento de resíduos sólidos; e 4) drenagem urbana das águas pluviais. Na Maré, temos problemas crônicos em todas as quatro. Além de lidar com a falta de direito ao saneamento, a população mareense ainda lida com ilhas de calor e poluição atmosférica, por estar entre e atravessada pelas principais vias expressas da cidade e por ser uma região historicamente de interesse industrial. Essas desigualdades em condições ambientais e sanitárias afetam majoritariamente a população negra e pobre e consagra o racismo ambiental na região.



Figura 2: Palafitas da Maré. Fonte: Rede Memória da Maré.

LUTeS: uma experiência de soluções ecológicas autogeridas na Maré

Dando continuidade a história de luta por saneamento e justiça climática o LUTeS (Lutas Urbanas, Tecnologia e Saneamento), projeto de extensão do NIDES/UFRJ apoiado tecnicamente pela ONG Germinal ATE e por outros grupos universitários e organizações de atuação local, surge em um contexto de pandemia do coronavírus com mareenses na construção do projeto. Desde de 2021, o LUTeS tem uma atuação continuada na Maré pautando o histórico de luta por saneamento e o racismo ambiental, e também construindo com a comunidade soluções sociais e ecológicas de saneamento e clima através da educação popular e ambiental no Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, localizado na Favela Nova Holanda, e em cursos de formação de agentes ambientais em saneamento ecológico aberta para os moradores e moradoras de diferentes favelas da Maré.

Junto com a comunidade escolar do Colégio João Borges, o LUTeS instalou o primeiro biodigestor da Maré em 2022 e, com um grupo de agentes ambientais mareenses, instalou o segundo



biodigestor em 2024. A metodologia utilizada tem como base Paulo Freire e a pedagogia crítica. A partir de jogos, dinâmicas do teatro do oprimido e rodas de conversa, a comunidade é protagonista de todas as etapas, desde as definições do que configura ou não um problema, até a escolha, construção e gestão das soluções ecológicas.

No Colégio João Borges, por exemplo, os estudantes mapearam as soluções ecológicas que preexistiam e os principais problemas de saneamento que identificaram⁴ no quarteirão do Colégio. Para isso, foi apresentada uma maquete desta área aos estudantes, que foi produzida por uma educadora do LUTeS e uma estudante de Ensino Médio do Colégio com restos de papelões que iam para o lixo. A maquete foi utilizada como instrumento de reflexão e denúncias, os estudantes discutiam e colocavam bandeirinhas nos locais que identificassem problemas de saneamento. Cada cor de bandeirinha representava um serviço de saneamento que não estava sendo atendido: rosa para denúncias de lixo, azul para abastecimento de água, verde para drenagem urbana e laranja para esgotamento sanitário. Nesse mapeamento, foi identificado que existia uma horta vizinha ao Colégio e, o problema que mais se destacou foi o de resíduos urbanos, acúmulo e má gestão do lixo.

A partir disso, depois de refletirem as soluções pré-existentes na história da Maré, como o rola-rola, e terem sido apresentados a tecnologias de saneamento ecológico que podem enfrentar os problemas de saneamento, iniciou-se o processo de planejamento, montagem e ativação do biodigestor, tecnologia selecionada que transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e biofertilizante.

⁴ O termo tecnologia social é guarda chuva e ponto de disputa de pelo menos três vertentes bastante distintas. A Vertente Crítica inclui questionamentos mais fundamentais do desenvolvimento tecnológico. A solução de problemas pressupõe a delimitação precisa daquilo que é considerado “o problema” e daquilo que é deixado de fora (KAPP, Silke. CARDOSO, Adauto).



O protagonismo dos estudantes é nítido mesmo após a instalação, eles se mantêm à frente da gestão da tecnologia. Todos os dias, após o almoço, uma dupla ou trio de jovens alimenta a tecnologia com os restos de comida do refeitório (figura 3). A tecnologia é usada como instrumento de pesquisa nas disciplinas do colégio. O biofertilizante produzido, por exemplo, já passou por análise nas aulas da professora de biologia e os estudantes já tiveram que solucionar alguns problemas, como a infestação de larvas, para as quais foi proposta e instalada uma tela. O biogás gerado é utilizado na cozinha do colégio, atingindo também os funcionários terceirizados. E os estudantes, por meio de gincanas educativas, mobilizaram a comunidade escolar a refletir sobre as questões de saneamento nas favelas e resgatar a história de luta por saneamento no território.



Figura 3: Estudante inserindo resíduos orgânicos no biodigestor. Fonte: Acervo LUTeS (2024).

As soluções ecológicas foram pautadas nos Fóruns de Saneamento do território e são incentivadas na Carta de Saneamento da Maré. A Carta foi construída a partir da elaboração conjunta entre moradores, ativistas ambientais da Maré e especialistas e com o objetivo de alcançar os governantes da cidade. Em 2022, no V Encontro de Saneamento da Maré, o LUTeS



abre a mesa compartilhando como o desenvolvimento de tecnologias ecológicas tem atuado na conscientização de direitos com a juventude favelada e na luta por saneamento e, as soluções ecológicas aparecem com mais força nas propostas de atualização da Carta.

Os principais objetivos do LUTeS atualmente, são a continuidade do processo de educação com os jovens mareenses através da consolidação de um espaço referência com soluções ecológicas de saneamento e clima na Maré, no quarteirão onde se localiza o Colégio, popularmente conhecido como EcoQuadra da Nova Holanda e a popularização das soluções ecológicas a partir de produção de cartilhas visando democratizar o conhecimento e alcançar outras comunidades na luta por justiça sanitária, ambiental e climática.

Conclui-se que, o LUTeS é um exemplo exitoso de que as soluções ecológicas, que geralmente são usadas em contextos rurais, têm potencial de serem importantes instrumentos de mobilização comunitária, educacionais e de luta por saneamento e justiça climática nos contextos de favelas e periferias. E, vale ressaltar que, para além do LUTeS, outros projetos vêm sendo criados visando amenizar os impactos das mudanças climáticas através de soluções ecológicas, como o EcoClima (2023), projeto da Redes da Maré.

Referências

Carta de Saneamento da Maré: Contribuições da Maré para o desenvolvimento de políticas socioambientais no contexto das eleições municipais de 2020 parte integrante da Agenda Rio 2030. Rio de Janeiro: Coccozap, 2020.

KAPP, Silke. CARDOSO, Adauto. **O Debate sobre Tecnologia Social: uma delimitação do campo.**2013.

REDE DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ. **Censo Maré 2019: dados sobre a população da Maré.** 1. ed. Rio de Janeiro: Rede de Desenvolvimento da Maré, 2019. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf. Acesso em: 03/08/2024.